



Sem título, 2014, dimensões possíveis

Mari Colbeich

Esse texto quer falar sobre o que passou e sobre recomeçar. Sobre vivências e sobre experiências concretas, transformadoras.

Assim como muitos, quando olho para trás, por vezes tenho a sensação de que o tempo passou rápido demais. Talvez isso ocorra por vivermos acelerados com a quantidade absurda de informações que recebemos todos os dias. Ou simplesmente por eu ter estado distraída ou imersa demais na minha própria vida. De qualquer forma, para falar de hoje, preciso falar também do antes. Lembrar que ficava nos finais de semana imersa no fazer cerâmico, um fazer enlouquecido, processo constante de criar - pensar - criar - sonhar. Lembrar que chorei no dia da formatura da faculdade, talvez mais por tristeza, do que por alegria, me sentindo desamparada, órfã do grupo e despreparada para enfrentar o incerto.

Às vezes ainda queria ser criança e brincar de construir coisas com pedaços de madeira e ferro. Crescer realmente é algo muito difícil e andar sozinha ainda mais. Quanto à Educação, posso dizer que foi ela quem me escolheu, afinal, eu tinha que andar sozinha e rápido. Percebi que poderia gostar disso e ensinar tornou-se algo por vezes, gratificante.

Sempre fui um Ser meio mutante, adaptável, maleável até certo ponto, mas não estava nos meus planos deixar de produzir/criar. Só que eu deixei, por um bom tempo, eu deixei. Deixei porque, de repente, tudo parou de fazer sentido. Passei a me sentir mais inadequada do que antes.



Revista APOTHEKE

Não havia mais um grupo, o ateliê, a Universidade, as exposições. Via-me longe demais disso tudo. Eu não sabia ser 'comercial', não havia, para minha realidade de recém-formada, a possibilidade de investir em uma carreira artística autônoma.

E a vida seguiu seu rumo, eu amadureci, mudei a forma de pensar, mudei de cidade, de Estado de realidade. Com o tempo, algumas coisas passaram a fazer muito sentido, outras nem tanto. Novos interesses e oportunidades de trabalho surgiram, o desenho adentrou meu caminho solicitando uma nova leitura. A professora de Artes precisou aprender a pensar também dentro das possibilidades do Design de Interiores, pois passei a lecionar em um curso de graduação.

Ensinar desenho, de forma que o aluno se torne capaz de representar e determinar propriedades formais de objetos diversos para, em um futuro breve, conseguir alcançar uma interface gráfica capaz de concretizar ideias, mensagens e conceitos em projetos de ambientes, é um desafio que abracei e estou amado.

Em meio a esse percurso de tantas novidades, muito trabalho e dedicação, fui convidada pela Professora Jocielle Lampert a fazer parte do Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke. Aceitei prontamente, mesmo não tendo uma aproximação tão íntima com pintura. Venho da cerâmica, possuo proximidade com o desenho, mas as cores me assustavam um pouco.

Cada vez mais, percebo com clareza alguns aspectos da minha caminhada e do quanto hoje tudo parece estar relacionado, entrelaçado. Os novos amigos do grupo, as trocas, as conversas, acompanhar o processo e busca de cada um pelos caminhos da pintura, os diários de artista que



viraram objetos de interesse pessoal, contando mais que histórias de vida.

Sinto como é ser uma artista professora em cada angústia e pequena conquista. Levo as experiências do grupo para minhas salas de aula. Sim, salas, pois a carga horária é dura, estressante. Além do curso de Design de Interiores, leciono em uma escola do Estado. Minhas vivências enquanto professora envolvem crianças e adolescentes, a maioria de realidades difíceis, situações de risco. A arte, para eles, tem que ser levada de forma a fazer sentido, relacionada à experiência e para Dewey, a experiência para ser concreta precisa ter qualidade estética (2010, p.116).

Contemporâneo à Dewey, Freud (1973) argumenta que cada indivíduo percebe o mundo de forma pessoal e a partir de suas próprias vivências. Dessa forma, experiências vividas terão significados diferentes para cada um. A questão do ensino nessa realidade passa ainda pelo pertencimento. Essa produção pertence a nós, porque nós pertencemos ao mundo. Somos sujeitos históricos. É uma atividade quase diária de desmistificação do fazer e fluir arte.

Quanto ao Design, há três semestres passei a ministrar também a disciplina de Técnicas de Representação e Ilustração e os estudos desenvolvidos com o Grupo Estúdio de Pintura Apotheke tem sido extremamente importantes, refletindo em minha prática docente.

Para Argan (2000), a arte está no design desde a tarefa criativa até a determinação de um ritmo estético e econômico dos atos da vida cotidiana. As práticas do Grupo Apotheke são permeadas pelo fazer agregado ao perceber, culminando em experiências conscientes sobre as mesmas. Nesse sentido, Dewey (2010) aponta a necessidade de haver a ponte entre o sentir e o produzir arte, o fazer e o



perceber de fato aquilo que se está fazendo age como formas indissociáveis de um todo que vai constituir a experiência.

“Há um componente de paixão em toda percepção estética. No entanto, se tomados pela paixão a experiência é inestética (...). Em uma experiência artístico-estética, a relação é tão estreita que controla ao mesmo tempo o fazer e a percepção” (Dewey, 2010, p.130)

Pensando especificamente sobre meu processo criativo, percebo que com a pintura tenho, até agora, um diálogo avesso ao que mantenho com a cerâmica. Com o barro, simplesmente, não existe ou é irrisória a etapa de autocensura. Na pintura ela se faz constantemente presente. Ainda estou na busca por informações e repertório próprio, apesar de hoje um pouco mais segura.

Sinto a pintura como algo além de mim, o desenho ainda domina. A cerâmica não, ela já está em mim, parece na verdade que sempre esteve. O contato “mágico” com a matéria prima em forma bruta, o processo de secagem até a queima, onde a cor parece se auto definir.

A cor na cerâmica se regula, se manda, se determina conforme a temperatura alcançada pelo fogo. É física, é química, é alquimia. Mas a pintura também é tudo isso, e pode ser digital, pode colar, agregar, suprimir. Precisa de matizes, tons e texturas. Segundo Ostrower, é na busca de ordenações e de significados que reside a profunda motivação humana de criar. (2010, p. 5)

Na verdade, constantemente busco tramas entre essas linguagens. Percebo que em ambas se pinta e se desenha, mas como falei, a pintura pede um domínio diferente das cores, uma convivência mais ampla que aos poucos conquisto. Para Ostrower, o perceber e o fazer do indivíduo refletirá seu ordenar íntimo. Seu fazer, corresponderá a um modo



Revista APOTHEKE

particular de ser que não existia antes, é uma reordenação constante e única (2010, p.162).

Dessa forma, enquanto artista-professora-pesquisadora construo redes que resignificam o meu próprio contexto. E, justamente nesses novos encontros com a criação, me reconstruo.

"A compreensão íntima de si dá ao homem sua verdadeira dimensão. As delimitações são como as margens de rio pelo qual o individuo se aventura no desconhecido; ele não afundará, nas margens encontrará terra firme em qualquer momento e onde estiver. Por isso a contenção interior é importante. Ela implica num sentido de autoconfiança na qual se amplia a liberdade de criar. Quanto maior for o sentido de busca, mais o individuo sabe dentro de si que se reencontrará. Ele se sente seguro, e senti-lo é essencial." (Ostrower, 2010, p. 162)

Agradeço imensamente a oportunidade de integrar o Grupo de Estudos Estúdio de Pintura Apotheke. Através dele e dos estudos para as aulas de desenho, reencontrei minha motivação de criar. Aos poucos a pintura se torna familiar. Ainda existe a preocupação com o tema, busco uma paleta de cor consistente que me possibilite alguma identidade. Mas sempre com a impressão de correr contra o tempo.

Mari Colbeich, inverno de 2014.

REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. *Projeto e Destino*. São Paulo: Ática, 2000.

DEWEY, Jonh. *Arte como experiência*. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes. 2010.

FREUD, Sigmund. *Obras completas*. TOMO I. 3 ed. Madri: Biblioteca Nueva, 1973.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.